



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PEDREIRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

JOCIELMA LIMA DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DA SENILIDADE EM MEMORIAL DE AIRES, DE MACHADO
DE ASSIS**

Pedreiras– MA
2025

JOCIELMA LIMA DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DA SENILIDADE EM MEMORIAL DE AIRES, DE MACHADO
DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Letras do Centro de
Estudos Superiores de Pedreiras – UEMA,
para obtenção de grau.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira

Silva, Jocielma Lima da.

Representação da senilidade em Memorial de Aires, de Machado de Assis / Jocielma Lima da Silva. - Pedreiras - MA, 2025.

48 f.

Monografia (Graduação em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literatura de Língua Portuguesa) - Universidade Estadual do Maranhão, Campus Pedreiras, 2025.

Orientador: Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira.

1. Senilidade. 2. Velhice. 3. Literatura. 4. Machado de Assis. I. Título.

CDU: 821.134.3(81)

Elaborado por Luciana de Araújo - CRB 13/445

JOCIELMA LIMA DA SILVA

**REPRESENTAÇÃO DA SENILIDADE EM MEMORIAL DE AIRES, DE MACHADO
DE ASSIS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras do Campus
Pedreiras – UEMA, para obtenção de grau
de Licenciatura em Letras - Português.

Nota: 10

Aprovado em: 18 / 12 / 2025

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



RUBENIL DA SILVA OLIVEIRA

Data: 15/01/2026 09:28:52-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubenil da Silva Oliveira
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
Orientador

Documento assinado digitalmente



FRANCINALDO PEREIRA DA SILVA

Data: 15/01/2026 10:32:31-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Me. Francinaldo Pereira da Silva
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA

Documento assinado digitalmente



WELIDA MARIA GOUVEIA SILVA

Data: 16/01/2026 09:07:11-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof.^a Ma. Wélida Maria Gouveia Silva
Universidade Estadual do Maranhão – UEMA
2^a Avaliadora

“O cabelo grisalho é coroa de honra, obtido no caminho da justiça.”

Provérbios 16,31

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a representação da senilidade na obra *Memorial de Aires* (1908), de Machado de Assis, explorando como o escritor constrói literariamente a velhice, seus desafios, angústias e significados simbólicos. A narrativa, estruturada em forma de diário e redigida pelo protagonista, o Conselheiro Aires, evidencia um olhar maduro e introspectivo sobre o processo de envelhecimento, articulando aspectos emocionais, sociais e culturais que atravessam a existência humana. Ao relatar fatos cotidianos, rememorar acontecimentos e observar a vida alheia, Aires revela os limites e as potências da velhice, frequentemente marcada por solidão, rememoração, renúncia e contemplação. Nesse sentido, a obra se torna um importante instrumento para compreender como a literatura machadiana aborda a senescência não apenas como declínio biológico, mas como experiência subjetiva complexa e profundamente vinculada aos afetos e às condições históricas de sua época. A pesquisa ressaltou que, ao lado de Aires, personagens como Dona Carmo e Conselheiro Aguiar representam uma velhice afetuosa, acolhedora e marcada pela ausência de filhos biológicos — lacuna que é ressignificada quando ambos passam a acolher seus afilhados como “filhos do coração”. Tal dinâmica evidencia que o envelhecimento é atravessado por rearranjos familiares e afetivos, mostrando que a velhice pode se reinventar por meio da construção de vínculos e da permanência simbólica dos afetos. Além disso, a presença da escravidão e das transformações políticas do final do século XIX, mencionadas no diário de Aires, demonstra que o envelhecer ocorre em um contexto social específico capaz de moldar percepções, valores e práticas. A análise também indicou que Machado de Assis articula o tema da velhice com questões existenciais profundas, como a finitude, a memória, a passagem do tempo e a fragilidade humana. A senescência, conforme compreendida por autores como Beauvoir (1970) e Bosi (2003), não se restringe às mudanças físicas, mas abrange dimensões psicológicas, sociais e culturais que influenciam a forma como o indivíduo percebe a si mesmo e como é visto pela sociedade. Nessa perspectiva, Aires expressa frequentemente cansaço, desânimo e um certo sentimento de inutilidade, mas também demonstra lucidez, sensibilidade e capacidade de reflexão crítica — elementos que reforçam a ambivalência da velhice, situada entre perdas inevitáveis e possibilidades de significação. Metodologicamente, o estudo fundamenta-se em pesquisa bibliográfica, abrangendo produções teóricas de Assis, Beauvoir, Bosi, Candido, Debert, Elias, Schwarz, entre outros, a fim de sustentar a análise interpretativa realizada. A partir desse corpus, foi possível compreender de que modo *Memorial de Aires* representa a velhice em consonância com discursos sociais da época e, simultaneamente, dialoga com aspectos do envelhecimento contemporâneo, sobretudo diante do acelerado processo de transição demográfica no Brasil. Os resultados apontam que a senilidade no romance machadiano é construída como experiência plural, marcada tanto pela melancolia quanto pela ternura, pela introspecção quanto pelo afeto, revelando um retrato literário que permanece atual. Assim, ao investigar a velhice na obra, o estudo contribui para reflexões mais amplas sobre o envelhecer na sociedade brasileira, estimulando o reconhecimento da pessoa idosa como sujeito de memória, história e sensibilidade.

Palavras-chave: Senilidade. Velhice. Literatura. Machado de Assis.

ABSTRACT

This study aims to analyze the representation of senility in *Memorial de Aires* (1908), by Machado de Assis, focusing on how the author portrays old age and its emotional, social, and symbolic complexities. Structured as a diary written by the protagonist, Conselheiro Aires, the narrative presents a mature and introspective perspective on the aging process, revealing the tensions, vulnerabilities, and affective dimensions that shape human experience in later life. Through recollections, daily observations, and personal reflections, Aires constructs an understanding of old age that transcends biological decline, emphasizing its subjective, cultural, and historical layers. The analysis highlights that, alongside Aires, characters such as Dona Carmo and Conselheiro Aguiar exemplify an affectionate and welcoming old age marked by the absence of biological children. This absence, however, is reinterpreted through the deep emotional bonds they develop with their godchildren, whom they adopt as “children of the heart.” These dynamics reveal how aging involves affective rearrangements and emphasize the role of emotional continuity in redefining family structures. Furthermore, the diary entries referencing the abolition of slavery and the political atmosphere of late nineteenth-century Brazil demonstrate that aging unfolds in a socio-historical context that profoundly shapes individual perceptions and experiences. The study also indicates that Machado de Assis intertwines aging with existential themes such as finitude, memory, the passage of time, and human fragility. Senescence, as discussed by theorists such as Beauvoir (1970) and Bosi (2003), encompasses not only physical transformations but also psychological, social, and cultural dimensions that influence how individuals perceive themselves and are perceived by society. In this sense, Aires frequently expresses fatigue, melancholy, and a subtle sense of uselessness, yet he also displays lucidity, sensitivity, and keen observational skills. This ambivalence reinforces the idea that old age is neither solely decline nor exclusively wisdom, but a dynamic interplay between loss and renewed meaning. Methodologically, the research is based on a bibliographical approach, drawing on theoretical contributions from Assis, Beauvoir, Bosi, Candido, Debert, Elias, Schwarz, among others, to support the interpretative analysis. This theoretical framework enables an understanding of how *Memorial de Aires* reflects historical perceptions of aging while simultaneously resonating with contemporary discussions, especially in light of Brazil’s rapid demographic transition and the growing visibility of older adults in society. The findings indicate that senility in Machado de Assis’s narrative is represented as a multifaceted experience, marked by melancholy, tenderness, introspection, and affective depth. The portrayal remains relevant today, offering insights into how old age can be understood beyond stereotypes. By examining aging within the novel, this study contributes to broader reflections on old age in Brazilian society, reinforcing the significance of recognizing elderly individuals as subjects of memory, history, and emotional richness.

Keywords: Senility. Old age. Literacy. Machado de Assis.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	08
2	POR UMA ONTOLOGIA DA SENILIDADE: conceitos e percursos	10
2.1	Afinal, o que é a velhice? Um estudo socioantropológico	14
2.2	A velhice nas páginas literárias	16
3	MACHADO DE ASSIS: da biografia ao projeto estético-literário	21
3.1	Machado de Assis: notas do projeto romanesco realista	26
3.2	Memorial de Aires: o último ato de uma vida	29
4	MEMORIAL DE AIRES: notas sobre a representação da senilidade	32
4.1	A representação da velhice do conselheiro Aires	35
4.2	A representação da velhice de do Carmo	39
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
	REFERÊNCIAS	46

1 INTRODUÇÃO

Mediante o processo de envelhecimento humano e os aspectos que interferem na qualidade de vida, o presente trabalho busca analisar a representação da senilidade na obra **Memorial de Aires**, de Machado de Assis, um livro elaborado em formato de diário e que fora publicado em 1908, mesmo ano de seu falecimento. Logo, tem-se a velhice exposta através de uma perspectiva solitária e melancólica, sendo evidenciada nos personagens Dona Carmo e Conselheiro Aguiar, dois idosos muito amorosos e acolhedores.

Durante a exploração da obra, é elencado alguns conflitos particulares da vida desses personagens, sendo um deles a ausência de filhos legítimos. No entanto, a definição de legitimidade foi ressignificada ao encontrarem em seus afilhados sentimentos fortes de amor e companhia, adotando-os como “filhos do coração”. A princípio, o livro **Memorial de Aires**, são relatos escritos pelo protagonista Aires, tendo início em 1888, ano que marca a abolição da escravatura, retratando assim alguns aspectos da escravidão ocorridos durante esse período no Brasil.

Isto posto, salienta-se evidenciar que, em suas páginas, Aires menciona acerca do cenário político que o compete. O personagem caracteriza-se como um senhor aposentado nutrindo um amor por Fidélia, uma das principais personagens do livro. Diante disso, nota-se que o diário finaliza em 1908, desse modo, foram vinte anos de escrita, que começou aos 48 anos, faixa etária considerada avançada naquela época, e terminou aos 69 anos. No Brasil, quando se chega à idade de 60 anos, já se é considerado velho. Assim, a velhice é um processo natural pela qual todas as pessoas estão sujeitas a alcançar durante os anos vividos.

Ademais, salienta-se justificar que a temática deste trabalho circula diante da perspectiva profunda das obras do célebre Machado de Assis ao abordar a senescência como processo de envelhecimento natural e saudável. No entanto, esta fase da vida é retratada pelos personagens de maneira sutil, complexa e conflituosa à medida que os vínculos sociais e pessoais se confrontam com a finitude. De tal maneira, sabe-se que o autor evidencia as fragilidades e comportamentos psicológicos do ser humano em torno de suas inseguranças, cobranças e preconceitos sociais enraizados, que por vezes engessam e moldam a pessoa a viver uma vida estática.

Posto isto, ao evidenciar a problemática desenvolvida, torna-se pertinente estudar a presença de intenções e compreensões da sociedade, pois nota-se que a

população brasileira envelheceu muito rápido nos últimos anos, tendo diminuído o número de jovens. Logo, como é representada a senilidade no romance Memorial de Aires, de Machado de Assis? Que aspectos da senilidade na obra machadiana ainda são vistos na atualidade? Por essa razão, é importante que se estude a velhice, pois a representação da senescência e sua importância são cruciais para a valorização da terceira idade.

Diante da problemática apresentada, a objetividade da proposta em questão visa analisar a senilidade e senescência da pessoa idosa, identificar os traços no romance presente na obra de Machado de Assis, descrever o processo de envelhecimento e discutir a senescência na narrativa literária machadiana. Para isso, primeiramente, será verificado os traços de sensibilidade no romance Memorial de Aires. Logo em seguida, foca-se em descrever o processo de envelhecimento das personagens Aguiar e Dona Carmo e as alterações ocorridas na sociedade. Finalizando esse processo, será analisada a senescência na narrativa literária machadiana à luz dos estudos sobre a velhice.

Por conseguinte, o desenvolvimento desse referido trabalho voltará-se tanto para uma pesquisa bibliográfica, englobando autores como, Assis (1881), Assis (1891), Assis (1899), Assis (1994), Azevedo (Beauvoir (1970), Beauvoir (1990), Bosi (1994), Bosi (2003), Camões (2000), Candido (2004), Candido (2006), Debert (1999), Elias (2001), Fagundes (2009), Heidegger (2005), Lukács (1965), Reis (2011), Schwarz (2000) que darão embasamento para todo o material que será explanado sobre o objeto de estudo.

Como pesquisa, houve a abordagem bibliográfica a partir da consulta de livros e outros meios que possam sustentar a discussão levantada, visando a análise da representação da velhice em diferentes esferas. Nessa perspectiva, os dados coletados receberam tratamento apoiado no uso de métodos qualitativos.

2 POR UMA ONTOLOGIA DA SENILIDADE: conceitos e percursos

A princípio, a ontologia vem do grego *ontos*, “ser”, “ente” e *logos*, “saber”, “doutrina”, é em sentido estrito, o “estudo do ser”, sendo desenvolvida desde o século XVIII por autores da tradição escolástica e de outras tendências. Nesse sentido, a ontologia permite observar as transformações da realidade e da existência, examinando como o ser se constitui, se manifesta e se relaciona com o mundo.

Para tanto, ao investigar as estruturas fundamentais da experiência humana, este estudo possibilita compreender os modos pelos quais o homem interpreta, constrói e atribui sentido à sua própria presença no tempo e no espaço. Assim, a ontologia não apenas descreve o ser, mas ilumina sua dinâmica, suas possibilidades e limites, oferecendo bases teóricas para reflexões que atravessam a filosofia, a ciência e a compreensão da condição humana.

À vista disso, para compreender melhor o conceito de ontologia, é importante destacar que o filósofo alemão Martin Heidegger estuda o ser humano em sua relação com o tempo. A ontologia heideggeriana aborda o conceito de *Dasein*, termo alemão que pode ser traduzido como “ser-aí” ou “ser-no-mundo”. Heidegger emprega esse termo para se referir ao ser humano e à forma como existe no mundo.

O *Dasein* é, portanto, o ser humano dotado da capacidade de refletir sobre o próprio ser, questionando o sentido da vida e da existência em relação ao mundo, ao tempo e à morte. Para tal intuito, o autor destaca em seu livro “Ser e Tempo”:

Os homens falam para responder e não para falar. Quando terminam de falar deixam de ser. Pois um laço extraordinário entrelaça morte e sentido no tecido da existência humana: vigor silencioso de uma mesma essência, presença serena do mesmo nada criativo. O homem e o ser que fala mesmo quando não fala e cala, recolhendo-se À temporalidade da existência. (Heidegger, 2005, p.16).

Nesse sentido, a existência do ser humano é fundamental nos estudos da formação do mundo, reforçando que ao mostrar que a fala humana não é apenas comunicação, mas expressão do próprio existir. Para ele, o homem fala para responder ao chamado do mundo e da própria existência, e quando sua fala cessa, também se enfraquece o vínculo que o mantém como presença no tempo. Assim, vida, morte, silêncio e sentido se entrelaçam como dimensões inseparáveis do ser.

Em sua filosofia, ao tratar do *Dasein*, Heidegger o apresenta como um modo

específico de existência. O ser humano recorda o passado, age no presente e projeta, tendo consciência de sua finitude e de que o envelhecimento o aproxima da morte — diferentemente dos demais seres vivos, como plantas e animais, que não possuem consciência de sua própria existência. Assim, a memória humana trabalha continuamente com a temporalidade, especialmente no que diz respeito à existência e ao envelhecimento, razão pela qual a ontologia se ocupa do ser e de sua condição existencial.

Em virtude disso, convém ressaltar que a “senilidade” é um termo usado para descrever uma diversidade de alterações físicas e mentais que ocorrem com o avanço da idade, geralmente associada ao envelhecimento, incluindo declínio cognitivo, perda de memória e diminuição da função física. Porém, é importante ressaltar que a senilidade não é uma consequência inevitável da idade, mas sim um estado que pode ser influenciado por fatores como estilo de vida, saúde geral e predisposições genéticas.

Posto isto, no romance de Machado de Assis (1994, p.55), a página intitulada “12 de abril”, lê-se: “Santa-Pia não é feio velho, nem muito velho; terá menos idade que eu. Arqueja um pouco, às vezes, mas pode ser da bronquite. É meio calvo, largo de espáduas, as mãos ásperas, cheio de corpo.” (p. 55).

Nessa observação de Aires, percebe-se que o barão de Santa-Pia não é tão velho quanto aparenta, mas que a doença contribui para acentuar sua aparência envelhecida. Assim, ao mencionar as mãos ásperas e o corpo pesado, sugere características de alguém que trabalhou intensamente e que, com a idade, apresenta sinais físicos mais evidentes.

No entanto, diferentemente da senilidade, a senescência refere-se às mudanças naturais do corpo idoso, como o embranquecimento dos cabelos, o surgimento de rugas, a perda de massa muscular e de flexibilidade. A senescência não está associada a doenças, mas somente às alterações típicas da idade. Além disso, observa-se que os idosos têm se preocupado cada vez mais com o envelhecimento saudável.

Mediante a isso, frisa-se que a compreensão ontológica da velhice exige uma análise que ultrapassa o simples diagnóstico biológico e se instala na dimensão existencial do ser humano, especialmente quando se retoma a noção de temporalidade em Heidegger. Para isso, o filósofo afirma que o Dasein, enquanto ser-no-mundo, constitui-se como um ente que sempre se projeta adiante e, ao mesmo

tempo, retorna sobre si mesmo pela memória e pela reflexão.

Por conseguinte, o envelhecimento não é apenas um processo físico, mas uma transformação radical na forma como o sujeito habita o tempo. À medida que a existência avança, o horizonte de possibilidades se estreita e a proximidade da finitude torna-se mais evidente. Isso não significa, porém, um esvaziamento do ser; ao contrário, a consciência da limitação temporal pode intensificar a significação do vivido, ampliando a necessidade de interpretar a própria trajetória.

Nessa perspectiva, a velhice se torna um momento privilegiado para o Dasein assumir sua condição de ser-para-a-morte, reconhecendo-se como alguém que já percorreu grande parte de seu itinerário e que agora revisita sua história para dar-lhe sentido. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (1970), ao tratar da velhice, ressalta que o envelhecer é marcado não apenas pela decadência corporal, mas também pela relação dialética entre o indivíduo e a sociedade.

Nessa perspectiva, a autora destaca que a pessoa idosa passa a ocupar um lugar ambíguo: por um lado, carrega a riqueza das experiências vividas; por outro, é frequentemente estigmatizada como improdutiva, dependente ou ultrapassada. Com isso, essa tensão entre reconhecimento e exclusão reflete a dificuldade social de lidar com o envelhecimento como parte integrante da vida humana. Ao analisar o idoso como “o outro”, Beauvoir evidencia um traço da modernidade: a tendência a desvalorizar aquilo que não se alinha aos ideais de juventude, velocidade e produtividade.

Ademais, a ontologia da senilidade não pode ser desvinculada do olhar social que recai sobre o corpo envelhecido, pois a existência humana se constitui sempre em relação com os outros e com as estruturas simbólicas da cultura. Logo, Ecléa Bosi (2003) aprofunda essa compreensão ao tratar da memória como elemento formador da identidade do idoso. Para a autora, a velhice possibilita um retorno significativo ao passado, que não representa fuga, mas reconstrução, uma vez que o idoso, ao rememorar suas experiências, ressignifica o vivido e compartilha saberes que formam um patrimônio cultural.

Entretanto, Bosi também revela a fragilidade dessa posição, pois, em sociedades que privilegiam a novidade constante, a memória é frequentemente desvalorizada. Para tanto, o idoso, que poderia ocupar o lugar de guardião do conhecimento histórico, acaba sendo relegado a espaços periféricos da vida social, evidenciando uma tensão entre a ontologia do ser que se constitui no tempo e a

realidade social que tende a negar a relevância desse mesmo tempo.

Dessa maneira, Norbert Elias (2001), ao discutir a solidão dos moribundos, amplia esse debate ao afirmar que o envelhecimento moderno é marcado por processos de afastamento e isolamento. Pois, a sociedade contemporânea desenvolveu maneiras de ocultar o adoecimento, a fragilidade e a morte, criando uma ruptura simbólica entre a vida ativa e a velhice. Pois, segundo Elias, a modernidade afasta o idoso não apenas fisicamente, mas emocionalmente: reduz-se o convívio intergeracional, e a morte é tratada como um evento que deve ser evitado, silenciado ou institucionalizado.

Diante disso, essa realidade tem implicações ontológicas profundas, pois, se o ser humano é um ente que se compreende como finito, na qual negar a finitude significa romper com um dos elementos constitutivos da própria existência. Assim, a velhice, vista por uma ótica ontológica, expõe as contradições culturais de uma sociedade que deseja prolongar a vida, mas não sabe acolher aqueles que a vivem até o fim.

Nesse contexto, torna-se evidente que a senilidade não pode ser definida apenas por perdas e limitações, pois, sob a lente da ontologia, a velhice revela-se como um campo de sentido, no qual o sujeito, ao confrontar sua história, reconstrói sua identidade e redefine seu modo de estar-no-mundo. Com isso, a temporalidade ganha nova dimensão: o futuro deixa de ser horizonte de expectativas longínquas e passa a ser pensado em termos de intensidade e interioridade.

Desse modo, salienta-se que muitos idosos desenvolvem uma relação distinta com o tempo, valorizando pequenas rotinas, evitando conflitos e cultivando vínculos afetivos mais seletivos. No entanto, trata-se de uma forma de sabedoria existencial, na qual a economia de gestos e desejos revela maturidade, não renúncia. Logo, refletir filosoficamente sobre a senilidade implica reconhecer que o envelhecer é um fenômeno multifacetado, que envolve corpo, memória, sociedade, cultura e consciência.

Sendo assim, a velhice é uma etapa da existência atravessada pela finitude, mas também pela possibilidade de compreensão profunda do vivido. Nesse sentido, Beauvoir (1970) salienta que, envelhecer não significa desaparecer, mas transformar-se, assim como afirma Bosi (2003) que recordar não é apenas lembrar, mas reexistir no tempo, logo os autores enaltecem esta etapa da vida de maneira que transcendem os paradigmas empregados pela sociedade contemporânea.

Por conseguinte, uma ontologia da senilidade deve considerar o idoso não como alguém que perdeu o sentido da vida, mas como sujeito que ocupa um lugar singular no mundo, aquele de quem pode olhar a existência em sua totalidade e, a partir daí, construir novas formas de significado.

2.1 Afinal, o que é a velhice ? Um estudo socioantropológico

Refletir sobre a velhice não é tarefa simples, embora seja essencial para todos, já que esse processo ocorre de forma naturalmente e muitas vezes é difícil ser aceito. Para Aristóteles, a velhice é uma fase natural da vida, marcada por mudanças físicas e psicológicas. Embora traga limitações, também oferece a oportunidade de desenvolvimento da sabedoria e da virtude, em razão das experiências acumuladas ao longo dos anos.

Para o filósofo, a aceitação da velhice permite que os idosos vivam com mais intensidade e valorizem os momentos que ainda possuem, reconhecendo cada experiência, ainda que para alguma essa fase seja acompanhada de perdas, principalmente quando surgem doenças.

A velhice, como etapa natural do ciclo de vida humano, é marcada por transformações biológicas, como a diminuição das funções físicas e cognitivas redução da força muscular, da agilidade e, em alguns casos, da memória. Há também transformações psicológicas, relacionadas à forma como os idosos percebem a vida, seu corpo, o ritmo das atividades e o modo de lidar com emoções e experiências acumuladas. Socialmente, envolve novas formas de inclusão, o convívio familiar e a adaptação às mudanças, podendo representar tanto desafios (como isolamento e aposentadoria) quanto oportunidades (como mais tempo para lazer).

A velhice tem crescido de forma acelerada e representa uma construção social e cultural permeada de valores, crenças e condições históricas próprias de cada sociedade. Nesse contexto, os estudos da sociologia e da antropologia são fundamentais.

A sociologia é a ciência que estuda a sociedade e o comportamento social, dialogando com outras áreas como psicologia e antropologia, para compreender as condições de vida da pessoa idosa. A sociologia analisa o envelhecimento não apenas como processo biológico, mas como fenômeno social, cultural e econômico, observando como essas mudanças impactam a sociedade. Envelhecer, portanto, é

um processo diferente para cada grupo social, variando conforme classe, gênero e raça.

Já os estudos antropológicos examinam o ser humano em seus aspectos biológicos, sociais e culturais. A antropologia do grego *anthropos* (“homem”) e *logos* (“razão”, “estudo”) compreende o ser humano de forma ampla. Desde os séculos XIX e XX, a antropologia biológica analisa fatores que influenciaram o desenvolvimento das características físicas humanas. A antropologia social e cultural, por sua vez, investiga comportamentos, valores, modos de vida e práticas sociais.

A socioantropologia surge, assim, como a junção da sociologia com a antropologia, estudando as relações entre indivíduo e sociedade, buscando compreender como cultura, instituições e práticas sociais influenciam a vida das pessoas especialmente a dos idosos.

Compreender o que é a velhice exige deslocar o olhar além das explicações exclusivamente biológicas, integrando dimensões sociais, culturais e simbólicas que estruturam a experiência do envelhecer. A socioantropologia, ao abordar a velhice, evidencia que cada sociedade atribui significados próprios ao envelhecimento e aos papéis exercidos pelos idosos. Assim, a velhice não é apenas um estágio cronológico, mas uma construção sociocultural profundamente marcada pelos valores de cada época.

As identidades contemporâneas são moldadas por instituições sociais cada vez mais fragmentadas; nesse sentido, o idoso passa a transitar entre expectativas sociais contraditórias: preservação da autonomia, produtividade prolongada e, ao mesmo tempo, invisibilidade e afastamento dos espaços de decisão. Esse tensionamento revela que a velhice, longe de ser um fenômeno estritamente biológico, constitui-se como um lugar simbólico marcado por disputas de significado.

Em uma sociedade orientada pelo desempenho e pelo culto à juventude, o envelhecimento é frequentemente associado à perda, à obsolescência e ao declínio, o que reforça práticas sociais que silenciam as experiências dos mais velhos. Contudo, sob uma perspectiva socioantropológica, observa-se que o idoso também ocupa um papel estratégico na transmissão de valores, memórias e referenciais culturais que sustentam a continuidade das comunidades.

Considerando que envelhecer significa confrontar não somente as mudanças do corpo, mas o modo como a sociedade interpreta e reage a essas mudanças. Assim, responder à pergunta “afinal, o que é a velhice?” implica reconhecer que se trata de

um fenômeno complexo, cuja compreensão exige considerar tanto a dimensão existencial do sujeito quanto os sistemas simbólicos que definem seu lugar no mundo. A velhice, nesse sentido, é simultaneamente biológica, social e cultural, revelando a profundidade da relação entre indivíduo, tempo e sociedade.

Além disso, observa-se que a velhice como fenômeno socioantropológico demanda reconhecer que ela é também atravessada por estruturas de poder que determinam quem envelhece com dignidade e quem é condenado à exclusão. As políticas públicas, os discursos midiáticos e os arranjos familiares constroem modelos de envelhecimento que nem sempre correspondem às possibilidades reais da população, sobretudo em sociedades marcadas por desigualdades históricas.

Dessa forma, é fundamental destacar que o envelhecimento também se configura como uma questão de cidadania, pois envolve o direito de permanecer visível, ativo e reconhecido dentro do espaço social. A marginalização dos idosos, frequentemente naturalizada pela lógica produtivista, demonstra que a sociedade tende a reduzir o valor do indivíduo à sua capacidade de trabalho, ignorando a contribuição ética, histórica e afetiva que a velhice carrega.

Assim, ao deslocar a discussão da velhice para o campo dos direitos, evidencia-se que envelhecer não deveria significar desaparecer do horizonte social, mas integrar-se a ele de maneira plena, reconhecendo a diversidade, a dignidade e as especificidades dessa fase da existência.

2.2. A velhice nas páginas literárias

A velhice é um tema recorrente na literatura, pois permite refletir sobre a condição humana, a memória, o tempo e as transformações sociais que atravessam a existência. Nas narrativas, personagens idosos surgem ora como símbolos de sabedoria e experiência acumulada, ora como figuras marcadas pela decadência, pela solidão ou por formas de resistência diante das estruturas sociais. Esse duplo movimento entre força simbólica e fragilidade reflete a própria ambivalência com que a sociedade interpreta o envelhecer.

No romance **Memorial de Aires**, de Machado de Assis, a velhice ocupa o centro da narrativa. O livro, escrito em forma de diário ficcional, apresenta o Conselheiro Aires como protagonista e narrador, um homem idoso, aposentado e introspectivo, que revisita sua rotina e as relações de sua convivência. É por meio de

seu olhar envelhecido que o leitor acessa reflexões sobre o desgaste do corpo, a passagem do tempo, a perda dos vínculos e a solidão.

A autoconsciência da velhice é constantemente tematizada, como se observa nas entradas de seu diário, nas quais o personagem reconhece seu cansaço e sua crescente desconexão com o mundo ao redor. Em 17 de maio, registra:

Vou ficar em casa uns quatro ou cinco dias, não para descansar, porque eu não faço nada, mas para não ver nem ouvir ninguém, a não ser o meu criado José. Este mesmo, se cumprir, mandá-lo-ei à Tijuca, a ver se eu lá estou. Já acho mais quem me agrade, e creio que está proporção não é obra dos outros, é só minha exclusivamente. Velhice esfalfa. (Assis, 1994, p.63).

Mediante o exposto, o autor relata que já é uma pessoa idosa, aposentado e que sua vida é somente a escrever em seu diário e ficar na solidão de sua casa. Por conta da idade acha que ninguém mais lhe agrade ou agrada alguém. Logo, quando ele fala “Velhice esfalfa” está referindo-se uma pessoa cansada e fadigada de si mesmo, transparece na página 101, intitulado 25 de julho, em que fala: “As cartas velhas são boas, mas estando eu velho também, e não a quem deixar as que me restam, o melhor é rasgá-las”. Posto isto, o autor sempre se julga como alguém velho que vive na solidão, o que lhe resta é aceitar o seu solitarismo e o cansaço vivenciado em suas páginas. Diante disso ele expressa:

Não quero acabar o dia de hoje sem escrever que tenho os olhos cansados, acaso doentes, e não sei se continuarei este diário de fatos, impressões e ideias. Talvez seja melhor parar. Velhice quer descanso. Bastam já as cartas que escrevo em respostas e outras mais, e ainda há poucos dias um trabalho que me encomendaram da Secretaria de Estrangeiros, - Felizmente acabado. (Assis, 1994, p. 122).

Considerando o exposto, o autor se mostra uma pessoa bastante cansada, doente e estressado, pondo em risco se vai ou não continuar a escrever em seu diário o que para ele já basta. E mesmo assim, ele não deixa de lado e continua a escrever. Nessa perspectiva, a várias obras literária realista e naturalista que também aparecem personagens idosos que muitas vezes representam valores tradicionais, o passado e a moral conservadora, contrapostos à juventude, como nas obras **O Mulato** de Aluísio de Azevedo, e **A moreninha**, de Joaquim Manuel de Macedo, em **A Moreninha**, destaca-se a senhora dona Ana:

A Sr. D. Ana, este é o nome da avó de Felipe, é uma senhora de espírito e algumas instrução. Em consideração a seus sessenta anos, ela dispensa tudo quanto se poderia dizer sobre seu físico. Em suma, cheia de bondade e de agrado, ela recebe a todos com o sorriso nos lábios; seu coração se pode talvez dizer o templo da amizade cujo mais nobre altar é exclusivamente consagrado à querida neta, irmã de Filipe; e ainda mais: seu afeto para com essa menina não se limita a doçura da amizade, vai ao ardor da paixão. (Macedo, 2012, p.12).

Neste exposto, o autor retrata o que realmente os idosos que já são avós, faz com seus netos, o quanto são pessoas acolhedoras e amorosas, e valorizam os bons costumes mas também são pessoas trabalhadoras e guerreiras. Com isso na obra, *O mulato*, destaca-se o personagem Manuel Pescada que no primeiro capítulo, expõe uma pessoa não tão velha mas que durante aquela época já eram consideradas velhas, trabalhadoras e forte.

Posto isso, refere-se: “Manuel Pedro da Silva, mais conhecido por Manuel Pescada, era um português de uns cinquenta anos, forte, vermelho e trabalhados.” (Azevedo, 2019, p. 4). Também, outro personagem do livro **O Mulato**, que representa a velhice é o cônego Diogo, padrinho de Ana Rosa e pároco da cidade, um homem conservado de seu tempo, com base nisso, afirma-se:

Era um velho bonito; teria quando menos sessenta anos, porém estava ainda forte e bem conservado; o olhar vivo, o corpo teso, mas ungiã de brandura santarrona. Calcava-se com esmero, de polimento; mandava buscar da Europa, para seu uso, meias e colarinhos especiais, e, quando ria, mostrava dentes limpos, todos chumbados de ouro. Tinha os movimentos distintos; mãos brancas e cabelos alvos que fazia gosto. (Azevedo, 2019, p. 14).

Diante do exposto, observa-se que o idoso é representado como alguém fisicamente vigoroso e bem preservado, cuja aparência sugere um envelhecimento marcado pelo cuidado pessoal e por condições de vida favoráveis. Tal descrição não resulta de um esforço excessivo na juventude, mas de uma trajetória em que a manutenção do corpo e a moderação no trabalho contribuíram para uma velhice mais saudável.

Na literatura clássica, a velhice frequentemente surge associada a valores de sabedoria, prudência e autoridade moral. Em *Os Lusíadas*, de Camões (2000), a figura do “Velho do Restelo” constitui um dos exemplos mais emblemáticos dessa representação, pois encarna a voz da razão crítica e da experiência acumulada. Assim, o personagem funciona como um contra-argumento simbólico dentro do

poema épico, reafirmando a velhice como um espaço de lucidez e reflexão que tensiona os valores dominantes de seu tempo.

Já em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, a velhice ganha um tom irônico e filosófico, pois Brás Cubas narra a sua vida após a morte, que reflete sobre a vida com o distanciamento e o desencanto de quem já viveu tudo. Um exemplo particularmente expressivo é a personagem Quincas Borba, quando retorna já envelhecido e doente, perto do final do romance. Seu retorno degradado simboliza não apenas o fracasso do Humanitismo, mas a falência de qualquer projeto de vida que ignore a fragilidade humana.

Com o advento da modernidade literária, o envelhecimento passa a ser abordado não apenas como processo fisiológico ou social, mas sobretudo como fenômeno psicológico e existencial. Em obras de Clarice Lispector, por exemplo, a velhice é associada à introspecção e à busca de sentido. Seus personagens frequentemente encaram o avançar da idade como um confronto consigo mesmos, explorando a memória como território de reconstrução identitária.

Lygia Fagundes Telles, por sua vez, apresenta personagens envelhecidos que lidam com perdas, silêncios e lembranças fragmentadas. O idoso passa a ser figura de resistência íntima: alguém que carrega o peso da história pessoal e coletiva, testemunha de si mesmo e do mundo que se transforma, símbolo de resistência e de sabedoria silenciosa.

Na literatura contemporânea, a velhice é frequentemente tratada como metáfora de um tempo em crise. Autores como José Saramago, Mia Couto e Milton Hatoum apresentam personagens idosos que se tornam depositários da memória coletiva, questionando a lógica produtivista e a marginalização das pessoas mais velhas, deixando de ser somente personagens e tornando-se símbolo de resistência contra a velocidade do mundo moderno.

A ampliação teórica contemporânea demonstra que não existe uma única velhice, mas múltiplos modos de envelhecer, influenciados por: classe social, gênero e raça, trajetórias afetivas, acesso à saúde, redes de apoio, e construções culturais. Assim, a representação literária da velhice reflete não apenas indivíduos, mas sistemas de poder que definem quais vidas envelhecem com dignidade e quais são empurradas para a invisibilidade.

Dessa forma, a literatura contemporânea não apenas descreve o envelhecimento, mas o reinscreve em novas perspectivas simbólicas, revelando suas

tensões e possibilidades. Ao oferecer espaço para vozes idosas que pensam, lembram, sofrem e resistem, os textos literários expõem a complexidade dessa etapa da vida e desestabilizam estigmas ainda presentes na sociedade.

3 MACHADO DE ASSIS: da biografia ao projeto estético-literário

Joaquim Maria Machado de Assis (1839–1908) foi um escritor brasileiro, um dos nomes mais importantes da literatura brasileira do século XIX. Nasceu na Chácara do Livramento, no Rio de Janeiro, no dia 21 de junho de 1839, onde passa a sua infância e adolescência, sendo o primeiro filho do mulato Francisco José de Assis, um pintor e decorador de paredes, e da imigrante portuguesa Maria Leopoldina. No bairro do Livramento, seus pais viviam na chácara do falecido senador Bento Barroso Pereira, e sua mãe era protegida da dona da casa, Dona Maria José Pereira.

Os primeiros estudos de Machado foram na escola pública do bairro de São Cristóvão, onde tornou-se amigo do Padre Silveira Sarmiento, auxiliava-o nas missas e familiarizava-se com o latim. Quando tinha 10 anos, sua mãe faleceu, e seu pai resolveu sair da chácara e foi morar em São Cristóvão com Maria Inês da Silva, só casando-se em 1854.

Isto posto, ressalta-se que sua madrasta foi como uma segunda mãe para ele, ela trabalhava como doceira em uma escola e levava o enteadado para assistir a algumas aulas. À noite, Machado ia para uma padaria, local onde aprendia francês com o forneiro. À luz de velas, Assis lia tudo que passava em suas mãos e já escrevia suas primeiras poesias. Destacou-se primeiramente no romance e no conto, embora tenha escrito crônicas, poesias, crítica literária e peças de teatro. Em 1856, o autor publicou seu primeiro poema intitulado “Ela”, no jornal Marmota Fluminense. Ainda em 1856, passou a trabalhar como aprendiz de tipógrafo na Tipografia Nacional.

No ano de 1858, trabalhou como revisor na livraria do jornalista e escritor Paulo Brito (1809–1861). Nesse ano, iniciou seus estudos de francês e latim. Posteriormente, trabalhou como crítico teatral para a revista O Espelho e em 1860, passou a escrever para periódicos como Diário do Rio de Janeiro e A Semana Ilustrada. Escrevendo também para o periódico literário O Futuro, em 1862. Já em 1864, Machado de Assis publicou seu primeiro livro de poesias, Crisálidas, uma coletânea de seus poemas.

À vista disso, o livro foi dedicado a seus pais, Maria Leopoldina e Francisco. Assim, cinco anos depois, em 1867, o Imperador Dom Pedro II concedeu a Machado o grau de “Cavaleiro da Ordem da Rosa” por serviços prestados às letras nacionais, e passou a trabalhar no Diário Oficial, iniciando sua carreira burocrática.

Em 1868, conheceu Carolina Augusta Xavier de Novais (1835–1904), uma

portuguesa culta, irmã do poeta português Faustino Xavier de Novais, que lhe revelou os clássicos lusitanos. No dia 12 de novembro de 1869, o casamento de Machado e Carolina foi realizado, tendo como testemunhas Artur Napoleão e o Conde de São Mamede, em cuja residência se realizou a cerimônia, logo, o casal não teve filhos. No ano de 1873, ele foi nomeado o primeiro oficial da Secretaria do Ministério da Agricultura, Viação e Obras Públicas.

Em 1880, foi nomeado oficial de gabinete do Ministro da Agricultura, onde escrevia seus textos literários. Seguidamente, no ano de 1881, publica um de seus romances mais famosos, Memórias Póstumas de Brás Cubas. Oito anos mais tarde, foi elevado a oficial da Imperial Ordem da Rosa, sendo um romancista bastante conhecido por suas poesias, peças de teatro e contos, também crônicas. Era um homem bem-sucedido, apesar de enfrentar preconceito por ser negro, gago e sofrer de epilepsia, e em 1892 foi promovido a diretor geral do Ministério da Viação.

No dia 15 de dezembro de 1896, Machado de Assis é o principal fundador da Academia Brasileira de Letras, inaugurada no ano seguinte, 20 de julho de 1897. O escritor se tornou o primeiro presidente da instituição, ocupando a cadeira de número 23. No entanto, em 1904, sua esposa falece e ele fica bastante abalado, após dois anos, escreveu um soneto em homenagem a ela, chamado "A Carolina". Assim, tirou licença para tratar da saúde e faleceu em 29 de setembro de 1908, no Rio de Janeiro, mesmo ano da publicação de seu livro Memorial de Aires.

Machado de Assis escreveu nove romances, sendo os primeiros: Ressurreição, A mão e a Luva, Helena e Iaiá Garcia, que apresentam alguns traços românticos na caracterização dos personagens. A partir da publicação do romance Memórias Póstumas de Brás Cubas, teve início sua fase propriamente realista, quando revelou seu incrível talento na análise do comportamento humano, descobrindo por trás dos atos bons e honestos, a vaidade, o egoísmo e a hipocrisia.

Mediante ao cenário literário, frisa-se que em diálogos com tradições literárias europeias, mas igualmente atento às especificidades do contexto brasileiro, o projeto romanesco de Machado de Assis assume um caráter singular, não plenamente assimilável aos modelos clássicos do realismo francês ou inglês. Diferentemente do realismo de Balzac, preocupado com a construção de um grande sistema social e com a representação quase cartográfica da sociedade francesa, Machado opera por redução, deslocamento e sugestão.

Ademais, como observa Roberto Schwarz (2000), seu realismo é marcado por

uma espécie de “dialética da malandragem burguesa”, na qual a forma literária denuncia, por meio de paradoxos e ironias, a incoerência entre a ideologia liberal importada e as estruturas escravocratas e oligárquicas que ainda sustentavam o país no século XIX. Assim, ao escolher a subjetividade e a instabilidade narrativa como núcleo de sua poética, Machado não se afasta do real, mas o reinterpreta a partir das fissuras e contradições dos sujeitos que habitam essa realidade.

No entanto, a partir de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** (1881), inaugura-se uma ruptura decisiva com o romance romântico e com o realismo descritivo convencional. Desse modo, a figura do narrador morto funciona como metáfora da liberdade narrativa absoluta, que permite ao autor experimentar novas formas de temporalidade e questionar a própria noção de verossimilhança. Pois, o narrador defunto, ao apresentar sua história sem compromissos de moralidade, coerência ou linearidade,

Nessa perspectiva, evidencia aquilo que Antônio Candido (2004) define como “organização instável”, própria de narrativas que se constroem na fronteira entre o real e o imaginário, entre a objetividade realista e o subjetivismo moderno. Dessa forma, o romance machadiano desloca o eixo da representação, logo, não se trata de narrar fatos, mas de exibir o processo, as hesitações e as máscaras que constituem a identidade narrativa.

Considerando esse contexto, tal estratégia confere ao leitor um papel interpretativo ativo. Na qual o pacto narrativo machadiano pressupõe um leitor crítico, capaz de reconhecer o jogo irônico, as omissões estratégicas e os falsos silogismos presentes no discurso das personagens. Com isso, esse mecanismo aproxima Machado das discussões estéticas que somente décadas mais tarde serão desenvolvidas por autores modernistas e pós-modernos.

Outro aspecto central do projeto machadiano é a crítica à racionalidade científica e ao otimismo progressista do século XIX. Em **Quincas Borba** (1891), a filosofia do Humanitismo funciona como paródia das doutrinas positivistas e deterministas que prometiam uma explicação totalizante para a sociedade e para os indivíduos. O Humanitismo, com seu mote célebre — “Ao vencedor, as batatas” —, desmonta a ideia de ordem natural e de progresso, revelando as forças de competição, violência simbólica e desigualdade que atravessam as relações sociais.

Para tanto, a ironia machadiana, nesse ponto, assume caráter filosófico, onde não visa apenas ridicularizar as pretensões científicas, mas expor como tais discursos

se articulam com interesses políticos e com formas de dominação. Sendo assim, Machado evidencia que a ciência, quando revestida de dogmatismo, pode converter-se em instrumento de legitimação das desigualdades, mascarando conflitos sociais sob a aparência de leis naturais.

Isto posto, torna-se válido frisar que ao tensionar os limites entre razão e poder, o autor revela que nenhum sistema explicativo é neutro ou desinteressado, pois toda narrativa de progresso traz consigo uma hierarquia implícita que beneficia determinados grupos em detrimento de outros. Nessa perspectiva, a crítica machadiana ultrapassa a sátira literária e se insere no debate moderno sobre a crise da racionalidade, antecipando discussões que seriam centrais no século XX sobre a relação entre ciência, ideologia e controle social.

Desse modo, o realismo de Machado também pode ser compreendido como um **realismo crítico**, em sintonia com as formulações de Georg Lukács (1965), para quem o romance realista deve revelar as estruturas sociais profundas por meio das contradições vividas pelos indivíduos. No entanto, a obra machadiana não se enquadra integralmente na perspectiva lukacsiana, pois não se fundamenta na ilusão de totalidade social. Em vez disso, o autor investe na fragmentação como método.

Convém ressaltar que análise Machadiana da sociedade marcada pelo favor, pela ascensão social oportunista e pela permanência de valores escravocratas é construída não mediante grandes panoramas, mas articulada por episódios mínimos, olhares enviesados e confissões incompletas. Essa opção estética reforça a percepção de que a sociedade brasileira oitocentista caracteriza-se por uma modernidade “incompleta” ou “desalinhada”, conforme argumenta Schwarz (2000).

Além disso, o manejo das ambiguidades psicológicas nos romances machadianos revela uma profunda compreensão da condição humana. A exploração da vaidade, do ressentimento e do autoengano aproxima o autor de correntes filosóficas cétricas e pessimistas. O diálogo com **Schopenhauer**, perceptível sobretudo em *Dom Casmurro* (1899), evidencia uma visão desencantada do sujeito, marcado pelo desejo insaciável e pela permanente oscilação entre querer e sofrer.

Em contrapartida, destaca-se que a influência de **Pascal** manifesta-se na consciência da precariedade humana e na ironia diante das pretensões de verdade. Essas referências filosóficas não se constituem como mera ornamentação erudita, mas como elementos estruturais da narrativa tornando o romance um espaço de problematização moral e existencial.

Nesse sentido, o tratamento do adultério, por ser um tema recorrente no realismo europeu, entretanto em Machado, assume um desdobramento singular. Em vez de apresentar a infidelidade como falha moral ou conflito social, o autor a transforma em dispositivo narrativo que coloca em xeque a capacidade humana de conhecer plenamente o outro e a si mesmo. **Capitu**, em *Dom Casmurro*, não é somente a figura da mulher possivelmente adúltera, mas também encarna a opacidade social e psicológica que estrutura as relações humanas.

Diante disso, convém frisar que sua ambiguidade não deriva, como no naturalismo, de determinismos biológicos ou sociais, mas da impossibilidade de acesso a uma verdade absoluta. Portanto, o romance não busca solucionar o enigma, mas expor o caráter insolúvel e construído das narrativas humanas, revelando que toda compreensão é parcial, instável e condicionada pelos limites da consciência. Assim, a obra machadiana transforma a incerteza em método, convertendo a dúvida em eixo crítico para refletir sobre a complexidade do sujeito e das relações sociais.

Considerando esse cenário, a dimensão crítica do realismo machadiano também se evidencia na forma como o autor representa a elite brasileira. Bem como os sujeitos Brás Cubas, Rubião e Bentinho revelam, por meio de seus comportamentos e da profunda inconsciência das classes privilegiadas em relação aos mecanismos sociais que sustentam seus privilégios. Sendo assim, a ausência de autocrítica, a frivolidade e o abuso de poder tornam-se elementos centrais da denúncia machadiana, que, no entanto, nunca se efetiva de modo panfletário. Logo, a crítica emerge pela ironia e pelo contraste entre o discurso dos personagens e a realidade que o leitor percebe nas entrelinhas.

Por fim, considera-se que o legado de Machado de Assis consiste precisamente em sua capacidade de tensionar forma e conteúdo, tradição e inovação, subjetividade e crítica social. Com isso, seu projeto romanesco ultrapassa o realismo enquanto escola literária e insere-se numa linhagem de autores que ampliaram as fronteiras do romance moderno. Assim, a fragmentação, a autorreflexão, a ironia e a problematização moral conferem à sua obra um caráter intempestivo, sempre atual, pois dialoga não apenas com a história do Brasil, mas com questões universais sobre o ser humano, o poder e a verdade.

Por conseguinte, a contribuição machadiana para o desenvolvimento do romance no país não se limita à crítica à sociedade oitocentista, mas envolve a criação de uma estética que transforma os modos de narrar e interpretar a realidade. Ao

explorar a ironia, o desmascaramento das ilusões sociais e a autoconsciência do narrador, Machado inaugura um tipo de ficção que convida o leitor a participar ativamente do jogo narrativo. Além disso, sua obra revela a complexidade das relações humanas e a fragilidade das certezas morais, afastando-se de modelos rígidos e moralizantes

3.1 Machado de Assis: notas do projeto romanesco realista

Machado de Assis foi o principal representante do realismo brasileiro. Ele é mais conhecido pelos livros de sua segunda fase, caracterizada pela crítica à idealização romântica. Como o Realismo valoriza a razão em detrimento da emoção, a linguagem tende a ser mais objetiva. Em Machado, entretanto, o realismo assume feições psicológicas e filosóficas, deslocando o foco do ambiente social para a complexidade da consciência humana e suas contradições internas.

Na primeira fase, o narrador entrega-se à subjetividade romântica, apresentando amores idealizados e heroínas perfeitas. Uma característica recorrente em suas obras é a questão da ascensão social vivida por alguns personagens. A ironia, embora mais forte nos romances realistas, já se fazia presente nos primeiros escritos.

Na segunda fase, seus romances realistas utilizam a ironia para revelar a elite burguesa como corrupta, hipócrita e interesseira. A narrativa explora o monólogo interior e temas típicos do romance realista, como o adultério. Essa abordagem inaugura no Brasil uma forma singular de representação literária, marcada por ceticismo, introspecção e crítica aos valores burgueses do século XIX.

O narrador-personagem assume papel central, apresentando uma voz autoconsciente, irônica e manipuladora, substituindo o narrador onisciente tradicional. A narrativa machadiana frequentemente se mostra instável, fragmentária e autorreflexiva, de modo que a noção de verdade é problematizada. Assim, o autor envolve o leitor no processo de construção do sentido, empregando interlocução direta e quebra da linearidade narrativa.

A ironia deixa de ser mero ornamento estilístico e torna-se método crítico, desmontando valores consolidados, expondo hipocrisias e questionando pretensões de neutralidade literária, moral ou científica. As personagens não são tipos fixos, mas sujeitos ambíguos, marcados pela vaidade, pelo interesse e pelo autoengano.

A centralidade do plano subjetivo evidencia uma crítica indireta à sociedade brasileira oitocentista, marcada por desigualdades estruturais, relações de poder e permanências escravocratas. Em vez de construir grandes painéis sociológicos, Machado revela a lógica social através de episódios mínimos, nos quais a psicologia individual ilumina a vida coletiva.

Outro elemento essencial é a experimentação formal: fragmentação de capítulos, digressões e recusa da linearidade. Antecipando técnicas modernistas, Machado é reconhecido como precursor da modernidade literária no país. Influenciado por autores como Pascal e Schopenhauer, seu ceticismo filosófico estrutura um realismo reflexivo, centrado na investigação da condição humana.

Assim, o projeto romanesco realista de Machado de Assis configura uma proposta estética inovadora, sustentada pela ironia, autoconsciência narrativa e análise moral, constituindo um marco na formação do romance moderno no Brasil. Seu realismo não se limita à representação da realidade: ele a interroga, desconstrói e reconstrói criticamente.

Ao aprofundar a compreensão do projeto romanesco de Machado de Assis, torna-se evidente que seu realismo ultrapassa os limites da representação objetiva e se estabelece como um exercício epistemológico. Para o autor, narrar não é apenas registrar acontecimentos, mas problematizar a própria possibilidade de conhecer o ser humano. Esse gesto se manifesta no emprego recorrente da dúvida, do paradoxo e da instabilidade narrativa.

Sob esse viés, tal característica revela uma concepção moderna da literatura, em que a verdade deixa de ser um dado absoluto e passa a ser um campo de disputa, mediado por perspectivas parciais e subjetivas. Essa ruptura com modelos narrativos totalizantes inaugura uma forma de realismo que não se limita a reproduzir o mundo exterior, mas o problematiza a partir das ambiguidades da consciência humana.

Em Machado de Assis, o leitor é convocado a ocupar uma posição ativa, confrontando versões contraditórias e reconhecendo que toda narrativa é uma construção atravessada por interesses, omissões e autointerpretações. Assim, a obra abandona a pretensão de transparência e assume a literatura como um espaço de questionamento, no qual a instabilidade das motivações humanas se torna elemento central.

Outra marca inconfundível do realismo machadiano é o desnudamento das contradições da elite brasileira do século XIX. Mais do que retratar costumes ou

descrever ambientes sociais, o autor investiga as motivações ocultas por trás das relações humanas interesse, prestígio, autopromoção, manipulação, vaidade e jogos de poder, sustentada por uma ética flexível que se ajusta às conveniências das classes dominantes.

Além disso, a opção de Machado por personagens introspectivos e conflituosos, frequentemente divididos entre ações e intenções, evidencia o caráter psicológico de sua estética. Não se trata de tipos sociais fixos, mas de sujeitos permeados pela relatividade do desejo e pela instabilidade dos sentimentos. Machado antecipa discussões sobre o inconsciente, sobre o caráter fragmentado da subjetividade e sobre a opacidade das emoções humanas, aproximando-se de correntes filosóficas e psicanalíticas que somente ganhariam força no século XX.

A literatura machadiana, ao focar na interioridade, revela que os conflitos mais significativos não se dão no plano externo, mas na intimidade silenciosa do pensamento, onde a moral se confronta com a conveniência, e a razão se embate com a inclinação. Esse movimento evidencia que, para Machado, o verdadeiro drama humano reside na esfera ética, naquele espaço de hesitação em que o sujeito negocia consigo mesmo antes de agir.

Nesse sentido, é preciso reconhecer que a ruptura machadiana com o romantismo não se limita a uma crítica literária, mas constitui um salto estético e intelectual. A modernidade literária brasileira nasce justamente dessa desconfiança em relação às narrativas totalizantes e às verdades estáveis, Machado de Assis propõe um romance que se constrói enquanto se questiona, que narra ao mesmo tempo em que desmonta seus próprios mecanismos.

Dentro desse percurso literário, Memorial de Aires ocupa lugar singular não apenas por ser o último romance de Machado, mas por constituir uma espécie de síntese do que sua obra representa. O envelhecimento do narrador o Conselheiro Aires funciona como metáfora para o próprio amadurecimento estilístico do autor, o texto abandona qualquer ambição de grandes acontecimentos ou de grandes reviravoltas.

Nesse contexto, essa estética da contenção e da serenidade traduz um modo de narrar que privilegia a reflexão e a lucidez, em detrimento da ação. Aires, como narrador, representa o ápice do narrador machadiano: consciente de si, sempre desconfiado das motivações humanas, atento ao jogo social, mas resignado diante da inevitabilidade da passagem do tempo. Sua escrita, marcada pelo distanciamento e

pela moderação, revela uma sensibilidade amadurecida que enxerga a vida sob o prisma da transitoriedade.

Por fim, nesse movimento, o romance instaura uma ética do olhar: ver, compreender e aceitar tornam-se verbos que definem o comportamento do protagonista. É justamente por meio do olhar envelhecido do Conselheiro que Machado de Assis tece uma crítica sutil à dinâmica social brasileira. Aires observa o mundo ao seu redor, mas o faz com a consciência de sua própria marginalidade enquanto sujeito idoso.

3.2 Memorial de Aires: o último ato de uma vida

Memorial de Aires, foi publicado em 1908, e é o último romance feito por Machado de Assis, e no mesmo ano da publicação ele viria a falecer. Contudo, é uma narrativa profundamente marcada pelo tom tardio e pela consciência da finitude, funcionando como o “último ato” não apenas da trajetória do Conselheiro Aires, mas também da própria maturidade literária machadiana. Escrita em forma de diário a obra traz o foco da ação para a contemplação, revelando um narrador que observa o mundo a partir de uma prévia posição, situada entre a recordação e o desapego.

O livro **Memorial de Aires**, é escrito em forma de diário, tendo início em 1888 e fim em 1889, são escritas do cotidiano dos amigos de Aires e dele mesmo. As observações de Aires, são observações do passar do tempo, com pequenos relatos da convivência com os amigos e as relações afetivas da vida das personagens. Logo, a vida alheia se torna mais interessante do que realmente está acontecendo naquela época, como a abolição da escravatura.

A visão perspicaz de Machado de Assis na obra produz através dos personagens um contexto consciente dos limites impostos pela idade, por apresentar Aires como um ser consultado, mas sem a realização de interferências, o autor procurou enfatizar a invisibilidade que um idoso carrega, que por muitas vezes é aparentemente respeitado, no entanto apresenta-se passivo nas decisões em sociedade. Para isso, o trecho da obra de Assis (1994, p. 24) frisa:

Enfim, lei. Nunca fui, nem o cargo me consentia ser propagandista da abolição, mas confesso que senti grande prazer quando soube da votação final do Senado e da sanção da Regente. Estava na Rua do Ouvidor, onde a agitação era grande e a alegria geral. (Assis, 1994, p. 24).

À vista disso, o personagem descreveu sua posição em meio as questões sociopolíticas da época de forma passiva, apenas como observador de toda a situação e demonstrou sua satisfação diante das decisões tomadas. No decorrer da narrativa o autor ressalta a participação ativa dos jovens e homens da sociedade em contrapartida omissão da terceira idade atuando nas relações sociais, salientando situações ainda recorrentes nos dias atuais, comprovando que há existência das desigualdades entre as faixas etárias.

Dessarte, é notório frisar que o Conselheiro observa a vida ao seu redor com um olhar crítico, entretanto, surge uma acessível resignada do que a velhice traz, ao passo que a narrativa se torna um estímulo à reflexão sobre o que significa envelhecer e como isso afeta a percepção de si e dos outros. Por isso, a obra acentua inúmeros detalhes que ilustram esta etapa da vida, assim como a descrição das interações sociais e a análise das emoções dos personagens.

Ademais, salienta-se que a velhice de Aires não é tratada como declínio dramático, mas como um estado de lucidez serena, no qual a experiência acumulada substitui o desejo da participação ativa. Esse olhar envelhecido, mas ainda sensível, confere ao texto uma atmosfera de despedida, como se cada comentário fosse parte de um rito de encerramento intelectual e emocional.

Em virtude disso, destaca-se o momento em que ele diz: O Conselheiro Aires, figura recorrente no universo machadiano, assume aqui seu ponto final: aposentado, viúvo e socialmente estabilizado, dedica-se a registrar impressões do cotidiano sem a pretensão de ordenar a realidade ou de orientar os acontecimentos, o que leva muitos críticos a ver no velho Conselheiro uma projeção do escritor.

Ele prefere, ao contrário, observar ao desenrolar da vida alheia especialmente a história de Fidélia e Tristão com um distanciamento que não é indiferença, mas consciência do limite entre o que ainda lhe pertence e o que já não lhe diz respeito. Esse deslocamento do centro da ação para a margem confere à narração um carácter a experiência de ser um observador, em que o sujeito idoso registra, interpreta e, sobretudo, aceita a passagem do tempo, sem lutar contra ela. Trata-se de uma poética da maturidade, em que o mundo é visto pelo conceito do que resta e não mais do que pode vir a ser.

Além do mais, a escolha da forma de descrever reforça o carácter de “último ato”, pois o diário é, por natureza, um gênero de recolhimento e de auto-observação, no qual a voz narrativa se volta mais para a memória do que para o futuro. Em Aires,

essa forma ganha um tom ainda mais significativo: cada anotação parece fragmento de uma vida que se despede, mas que o faz com elegância, ironia sutil e lirismo contido.

A escrita torna-se, assim, um exercício de permanência simbólica, uma tentativa de fixar em palavras aquilo que a idade já começa a dissolver. Essa dimensão melancólica, porém, nunca patética, aproxima o romance da tradição do “último olhar”, tão cara a obra que tematizam o fim do percurso humano. Quando se considera que “Memorial de Aires” é também a última obra romanesca de Machado de Assis, a interpretação de “último ato de uma vida” ganha densidade no sentido de ser o testamento do autor.

O estilo depurado, a economia narrativa e a atenção aos detalhes psicológicos revelam a culminância de um projeto literário que alcança aqui seu ponto de maior sobriedade. Machado, ao encerrar sua produção ficcional com a voz madura do Conselheiro Aires, parece inscrever no texto sua própria reflexão sobre o tempo, sobre o limiar da existência e sobre a dignidade do fim. Nesse sentido, o romance funciona como uma despedida dupla: a do personagem, que se retira do palco da vida, e a do autor, que conclui sua obra com a serenidade e a precisão que caracterizam sua fase final.

Dessa forma, **Memorial de Aires** consolida-se como um romance da velhice e do recolhimento, mas também da lucidez e da permanência simbólica. Ele revisita o mundo não para reconstruí-lo, mas para compreendê-lo a partir do ponto de vista de quem já atravessou os grandes dramas e agora busca apenas contemplar, interpretar e aceitar. Assim, ao narrar o cotidiano com a leveza de quem sabe que está diante do crepúsculo da vida, o Conselheiro Aires transforma seu diário em uma espécie de rito derradeiro, o último gesto de uma existência que se encerra em silêncio, elegância e sabedoria.

4 MEMORIAL DE AIRES: notas sobre a representação da senilidade

O livro **Memorial de Aires**, de Machado de Assis aborda um olhar fascinante diante da senilidade do ser humano expondo suas fragilidades, conflitos internos, psicológicos e emocionais em meio às críticas e imposições da sociedade. Diante disso, a obra machadiana é pertinente para a amplitude do conhecimento em torno dessa fase da vida, pois o cenário atual invisibiliza os valores e direitos pertencentes ao idoso.

E neste livro, ele não considera sua velhice como uma velhice de decadência física, mas como concentrada, pensativa e atenta a tudo ao seu redor, marcada pelo distanciamento emocional e pela observação do mundo, construindo uma velhice que não é trágica, mas com maturidade filosófica do autor. A senilidade do autor no **Memorial de Aires** é centralizada da lembrança escrita no seu diário, mesmo que a memória de Aires não seja glorificada, pois ele mesmo admite que esquece nomes, datas e eventos, sem deixar levar por esses esquecimentos.

Por conseguinte, a transição de um estilo desapaixonado fleumático por parte do narrador contribui para o aprofundamento da análise da velhice, permitindo que o leitor compreenda as nuances da experiência humana. Desse modo, o livro **Memorial de Aires** aponta através das falas de Aires, seus pensamentos e visões sobre o mundo ao seu redor, externando suas emoções e traços típicos da velhice, tal como salienta Assis (1994, p. 71):

Hoje conto não sair de casa, que faço anos. Chego aos meus sessenta e... não escrevas todo o algarismo, querido velho; basta que o saiba teu coração e vá sendo contado pelo Tempo no livro de lucros e perdas. Não escrevas tudo, querido amigo (Assis, 1994, p. 71).

Em face do exposto, o autor propicia uma perspectiva realista sobre a senilidade e suas implicações nas relações humanas, uma vez que estende um olhar crítico e criterioso quanto a socialização do idoso com a sua comunidade. Visto isto, enfatiza-se que o ser humano desempenha ativamente suas atividades sociais até a fase adulta, posteriormente, apresenta-se passivo no âmbito social devido as limitações impostas pelo meio que vive, sendo muitas vezes isolado e imerso em uma busca constante por uma conexão consigo após essa passagem de tempo.

À vista disso, com o avanço da idade, os limites impostos pelo corpo tornam-se mais evidentes, trazendo consigo dores, fragilidades e sensação de diminuição do

espaço social. Em *Memorial de Aires*, Machado de Assis utiliza esses sinais de desgaste físico para revelar também o enfraquecimento dos vínculos afetivos e a solidão que acompanha a velhice. Assim, a precariedade da saúde não é apenas uma condição biológica, mas um elemento que intensifica o afastamento do narrador do convívio humano e de seu próprio passado, preparando o leitor para a profundidade do desabafo que se segue:

[...] ai, Deus a segunda diferença é que, ainda que lhe doa muito o joelho, D Carmo lá tem o marido e os dois filhos postiços. Eu tenho a mulher embaixo do chão de Viena e nenhum dos meus filhos saiu do berço do nada. Estou só, totalmente só. Os rumores de fora, carros, bestas, gentes, campainhas e assobios, nada disto vive para mim. Quando muito o meu relógio de parede, batendo as horas, parece falar alguma coisa, - mas falo tarde, pouco e fúnebre. Eu mesmo, relendo estas últimas linhas, pareço-me um coveiro (Assis, 1994, p. 65).

Sendo assim, a passagem evidencia que, para Aires, a experiência da velhice é indissociável da solidão e da perda, com isso a comparação com D. Carmo reforça a diferença entre envelhecer amparado e envelhecer isolado, revelando o impacto emocional da ausência de vínculos. Para tanto, a metáfora do relógio como única “voz” restante traduz o silêncio afetivo que cerca o narrador, enquanto a imagem do “coveiro” sintetiza a percepção de que sua vida social se apagou. Desta forma, Machado expõe uma velhice marcada pela consciência da finitude e pela introspecção profunda.

Neste âmbito, Machado de Assis, em *Memorial de Aires* (1908), constrói uma narrativa singular na qual a senilidade não se apresenta como metáfora de decadência, mas como um estado de consciência ampliada. Visto que, ao adotar a forma de diário ficcional, o autor intensifica a introspecção do narrador-personagem, permitindo que o leitor adentre um universo marcado por memórias intermitentes, reflexões sobre a vida e observações minuciosas do mundo social.

Nesse contexto, a velhice assume função estruturante: mais do que uma condição biológica, constitui uma lente interpretativa por meio da qual Aires analisa o tempo, os afetos e a dinâmica das relações humanas. Considerando que o narrador machadiano, afastado da idealização da juventude e da visibilidade social, expressa lucidez filosófica e um distanciamento afetivo que enriquecem a construção literária da senilidade.

Perante o exposto, o romance evidencia que a velhice representa, para Aires,

um ponto de observação privilegiado, onde a serenidade irônica e o distanciamento emocional que marcam sua escrita revelam um sujeito que encontra na maturidade extrema a capacidade de interpretar a vida com prudência e sutileza. Diferentemente de perspectivas médicas e sociais que associam a senilidade à perda de racionalidade ou funcionalidade, Machado elabora a figura de um idoso cuja subjetividade se expande mesmo quando o corpo revela sinais de desgaste.

Além disso, destaca-se uma memória falha, entretanto, que não compromete o pensamento crítico, uma vez que reforça a consciência da própria limitação. Assim, quando Aires admite esquecer nomes ou datas, ele o faz com naturalidade, reconhecendo que o esquecimento integra um modo de existir desvinculado das exigências de produtividade impostas pela sociedade moderna.

Continuamente, convém acentuar que a estrutura diarística não evidencia apenas um sujeito envelhecido, mas também o processo de envelhecer, pois cada registro funciona como exercício de fixação de um mundo em constante transformação, frequentemente indiferente ao idoso. A senilidade, assim, assume dimensão crítica ao revelar a distância entre a vivência subjetiva do tempo e o ritmo acelerado da sociedade urbana do final do século XIX.

Como observa Schwarz (2000), a obra machadiana mantém aguda atenção às contradições sociais, e, em *Memorial de Aires*, a exclusão simbólica do idoso aparece como um desses elementos. Desse modo, Aires observa e comenta, mas raramente intervém, não por incapacidade, mas por perceber que sua presença se tornou socialmente dispensável.

Diante dessa assertiva, a crítica à invisibilização do idoso torna-se ainda mais evidente nas reflexões de Aires sobre sua solidão, sobretudo após a morte da esposa. Sendo assim, uma das passagens mais expressivas afirma: “Estou só, totalmente só” (Assis, 1994, p. 65). Portanto, a força dessa afirmação não reside somente na sugestão de tristeza, mas na lucidez com que o narrador reconhece a marginalização afetiva que acompanha a velhice.

Nesse ponto, Machado articula dimensões psicológicas e sociais do envelhecimento, evidenciando a perda de vínculos, o distanciamento das relações e a tendência à introspecção forçada. Trata-se de retrato realista e profundamente humano, que desconstrói estereótipos de uma velhice plena, serena ou socialmente valorizada.

Embora reconheça limitações físicas e emocionais, o romance recusa a

representação da velhice como tragédia, pois Aires não é um personagem derrotado, ao contrário, encontra na reflexão uma forma de resistência simbólica. Dessa maneira, sua escrita, ainda que marcada por lacunas ou esquecimentos, atua como exercício de permanência. Pois, ao registrar o cotidiano, reafirma sua presença no mundo, mesmo quando este já não lhe concede o lugar de outrora.

Em função disso, vê-se que esse aspecto aproxima a narrativa de reflexões contemporâneas sobre envelhecimento, como as de Debert (1999), que destaca a importância da preservação da autonomia simbólica e identitária na velhice. Posto isto, Aires não é apenas um idoso observador, mas um sujeito que reinscreve sua história pessoal contra a erosão do tempo.

Neste propósito, a representação da senilidade em *Memorial de Aires* também se evidencia no estilo narrativo. O tom fleumático, a ironia moderada e a distância emocional apresentam um narrador que transita entre o desencanto e a sabedoria madura. Sendo assim, essa construção revela aquilo que Bosi (2003) denomina “estética do envelhecer”, pela qual a consciência da perda não impede a valorização do instante presente. A passagem em que Aires afirma: “Chego aos meus sessenta e... não escrevas todo o algarismo, querido velho” (Assis, 1994, p. 71) resume uma mistura de sentimentos, uma vez que reconhece a idade sem permitir que ela determine integralmente a percepção de si.

Dessa forma, o romance contribui de maneira significativa para a reflexão literária sobre a velhice, afastando estereótipos redutores e revelando a complexidade desse estágio da vida. Desse modo, o tratamento que Machado confere ao tema é crítico, humanizado e atravessado por uma dimensão filosófica que aprofunda a compreensão da experiência humana frente ao tempo. Assim, a obra **Memorial de Aires** apresenta ao leitor não apenas o olhar de um idoso, mas o de um sujeito que pensa, revisita e problematiza o sentido da existência, na qual a velhice emerge como espaço de reflexão, lucidez e reinvenção interior.

4.1 A representação da velhice do conselheiro Aires

Na obra **Memorial de Aires** de Machado de Assis, tem como protagonista o Conselheiro Aires que conta a vida de seus amigos e a sua rotina na cidade do Rio de Janeiro, onde mora. Sendo, um homem calmo e ex-diplomata aposentado, conta as histórias e os sentimentos vivenciados por seus amigos e por ele mesmo em seu

diário, relatando como se o diário fosse um amigo confidente que pode falar tudo e de todos, com base nesse pressuposto evidencia-se:

Papel, amigo papel, não recolham tudo o que escrever esta pena vadia. Querendo servir-me, acabará desservindo-me, porque se acontecer que eu me vá desta vida, sem tempo de te reduzir a cinzas, os que me lerem depois da missa de sétimo dia, ou antes, ou ainda antes do enterro, podem cuidar que te confio cuidados de amor. (Assis, 1994, p.51).

Mediante o exposto, o personagem ressalta ser uma pessoa velha, cansada e esquecida de algumas coisas, sinais típicos de uma idade avançada, tendo uma visão pessimista ao ponto de referir-se a espera da morte e reafirmando certa inutilidade para viver, pois através do papel onde os desabafos de suas vivências realçam o emocional abalado. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (1970, p. 17) diz que a “a velhice acarreta, ainda, consequências psicológicas da idade avançada”.

Dessa forma, entender a velhice requer uma análise além das alterações biológicas, envolvendo outras questões como psicológicas, sociais, culturais e econômicas. De acordo com a autora, cada indivíduo tem em sua maneira individual e mental em aceitar o envelhecimento. Para a autora Ecléa Bosi (2003, p. 15) a memória da pessoa idosa tem um vasto e rico conhecimento capaz de ensinar e transmitir as várias experiências vivenciadas ao longo de sua vida, com base nesse pressuposto cita-se:

A memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdos, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura. (Bosi, 2003, p. 15).

Mediante o exposto, evidencia-se que Bosi buscou salientar a memória de um idoso como viés fundamental para conectar as gerações, assim como alimentar os estudiosos em virtude da historicidade vivenciada por eles e suas contribuições significativas para a construção de nossos acervos culturais e sociais. Logo, o **Memorial de Aires** ao retratar o ciclo de amizade do protagonista demonstra o cotidiano da terceira idade suas limitações estabelecidas por suas convicções pessoais.

Nesse sentido, o personagem Aires vê-se preso em um cenário de inutilidade

e se priva de viver novas paixões, alegando sua idade como pretexto para não se aproximar e conquistar uma pessoa mais nova que ele, rotulando-se como velho. Desta forma, o contexto da obra envolve sentimentos de vazio, solidão, abandono e passividade na vida pública, sendo marcado por renúncias. Com isso, notabiliza-se a forma como a sociedade e a família lidam com essa etapa da vida, onde não há perspectiva futura e a sua entrega a finitude.

Em outro momento, Aires sempre se mostra uma pessoa bastante cansada e solitária, mas que encontra em seu diário um refúgio, um amigo confidente que escreve a vida de todos ao seu redor, sem que o deixe entediado. Convém ressaltar o trecho da obra, recorte titulado como dia 21 de agosto, às 5 horas da tarde, em que ele diz:

Não quero acabar o dia de hoje sem escrever que tenho os olhos cansados, acaso doentes, e não sei se continuarei este diário de fatos, impressões e ideias. Talvez seja melhor parar. Velhice quer descanso. Bastam já as cartas que escrevo em resposta e outras mais, e ainda há poucos dias um trabalho que me encomendaram da Secretaria de Estrangeiros – felizmente acabado. (Assis, 1994, p, 43).

Diante o exposto, Aires evidencia, nesse trecho, a consciência de seus limites físicos e emocionais, revelando o desgaste natural da velhice. Ao mencionar o cansaço dos olhos e a dúvida sobre continuar o diário, o personagem expressa a tensão entre o desejo de repouso e a necessidade de manter alguma atividade que lhe dê sentido. Assim, sua fala sintetiza a ambivalência da senilidade: ao mesmo tempo em que reconhece a exaustão, encontra na escrita um espaço de companhia e continuidade.

Para tanto, a representação da velhice do Conselheiro Aires, em Memorial de Aires (1908), configura-se como uma das construções mais refinadas da maturidade literária de Machado de Assis. Ademais, o narrador-personagem, um diplomata aposentado, organiza sua experiência cotidiana por meio do diário, recurso que lhe permite expressar tanto suas percepções sobre o mundo quanto suas fragilidades emocionais.

Posto isto, a escrita íntima, marcada pela confissão velada e pelo recato, assume função de autoanálise e de preservação de uma subjetividade que, aos poucos, reconhece os limites da idade. Em função disso, o narrador direciona ao próprio papel um apelo afetivo, como evidencia o trecho: “Papel, amigo papel, não recolham tudo o que escrever esta pena vadia” (Assis, 1994, p. 51). Dessa maneira,

a metáfora do papel como “amigo” revela, desde o início, uma senilidade que se constrói entre a introspecção, a solidão e a necessidade de manter algum vínculo com o mundo.

Nessas reflexões, Aires demonstra consciência de sua condição etária, ora aceitando-a com serenidade, ora revelando sinais de cansaço, esquecimento e melancolia. Tais elementos, como aponta Beauvoir (1970), fazem parte de um conjunto de transformações psicológicas inerentes à velhice, que não se limitam ao desgaste físico, mas envolvem também mudanças na percepção do tempo, da utilidade e da presença social do sujeito. Sendo assim, Machado incorpora essa perspectiva ao criar um narrador que, embora lúcido, reconhece-se envelhecido e, por vezes, deslocado de um mundo que já não acompanha com a mesma vitalidade.

Por isso, compreender a velhice do Conselheiro Aires requer olhar para além dos aspectos biológicos e considerar dimensões socioculturais e subjetivas. Como observa Bosi (2003), a memória do idoso é depositária de experiências valiosas e funciona como ponte entre diferentes gerações. Em Memorial de Aires, essa construção da lembrança aparece na escrita diarística como forma de conferir sentido ao passado e de reinterpretar a trajetória pessoal.

Somando a isso, o diário torna-se um espaço de elaboração existencial, no qual o narrador registra acontecimentos, reorganiza suas emoções e reconstrói a importância das pessoas que o cercam. A memória, portanto, não é apenas um recurso literário, mas um instrumento de sobrevivência identitária. Nesse contexto, o envelhecimento de Aires também se manifesta na maneira como ele se percebe diante das relações afetivas. Desta forma, o personagem afasta-se de possíveis envolvimentos amorosos por considerar-se “velho demais”, construindo uma autoimagem atravessada por renúncias.

Nesse contexto, o envelhecimento de Aires também se manifesta na maneira como ele se percebe diante das relações afetivas. Com isso, o personagem afasta-se de possíveis envolvimentos amorosos por considerar-se “velho demais”, construindo uma autoimagem atravessada por renúncias. Ao afirmar que rasga cartas antigas porque “não tendo a quem deixar as que me restam, o melhor é rasgá-las”, Aires revela um sentimento de descontinuidade e de ausência de legado, típico do idoso que se percebe à margem da vida familiar e social. Diante disso, a renúncia, nesse sentido, funciona como mecanismo de autoproteção, mas também como marca da exclusão simbólica produzida pelo envelhecimento.

Além disso, a narrativa evidencia como a velhice é experienciada em meio a um cotidiano de solidão e recolhimento. Visto que, o diário surge como espaço de refúgio, um interlocutor silencioso que acolhe suas inquietações. No registro do dia 21 de agosto, ele escreve: “Tenho os olhos cansados, acaso doentes, e não sei se continuarei este diário [...] Velhice quer descanso” (Assis, 1994, p. 43). A associação entre cansaço físico e desistência da escrita simboliza a possível desistência da vida ativa. O idoso, segundo Beauvoir (1970), é frequentemente levado a introjetar a ideia de que já cumpriu seu papel social, e é essa representação que Machado tensiona ao construir um narrador consciente, porém fragilizado.

Em contrapartida, apesar das fragilidades físicas e emocionais, Aires conserva um olhar analítico, sensível e atento ao comportamento humano. Sua velhice não é passiva; é reflexiva. Assim, a ironia fina, característica machadiana, aparece como recurso que ameniza a dureza da senilidade e permite ao narrador manter certa autonomia intelectual. Ainda que o corpo o limite, a capacidade de observar e interpretar o mundo permanece ativa, o que sugere uma velhice que não se reduz à decadência, mas que se reinventa por meio da introspecção e da escrita.

Por fim, a senilidade do Conselheiro Aires é construída como espaço de complexidade e ambivalência: entre a lucidez e o esquecimento, a observação e o cansaço, o desejo de viver e a resignação diante da morte. Machado de Assis não idealiza a velhice, tampouco a apresenta como tragédia absoluta; oferece, antes, uma visão humana, sensível e crítica dessa etapa da vida, denunciando tanto o isolamento social do idoso quanto a riqueza subjetiva que permanece ativa apesar das limitações impostas pelo tempo.

4.2 A representação da velhice de dona Carmo

A representação da velhice de Dona Carmo, no **Memorial de Aires**, revela uma personagem marcada pela serenidade, pela afetividade e por um forte senso de cuidado com o outro. Mesmo sem ter filhos biológicos, Dona Carmo exerce uma maternidade simbólica, construída a partir do afeto e da convivência, como observa o próprio Conselheiro Aires ao acompanhar suas interações com os chamados “filhos postiços”. Tal característica evidencia aquilo que Candido (2006) identifica como uma das forças da ficção machadiana: a capacidade de revelar dimensões humanas universais por meio de gestos cotidianos e sutis.

Nesse sentido, Dona Carmo representa uma velhice que não se reduz à fragilidade, mas que se sustenta em laços afetivos e em uma postura ética diante da vida. Sendo assim, a figura de Dona Carmo ocupa lugar central na construção da narrativa de Memorial de Aires, não apenas como personagem coadjuvante, mas como representação sensível e humanizada da velhice feminina no universo machadiano. Diferentemente de outras obras de Machado de Assis, nas quais a velhice é frequentemente apresentada sob perspectiva cética ou melancólica, em Dona Carmo o autor constrói um retrato marcado pela delicadeza, pela maturidade emocional e pela persistência de afetos que atravessam o tempo.

Para tanto, apesar de idosa e com limitações próprias da idade, a personagem mantém uma vitalidade singular, sendo cuidadosa, atenciosa, e demonstrando profundo afeto pelos que a cercam, especialmente pelos filhos postiços, que acolhe com genuína dedicação. Logo, a atitude maternal que ela desempenha com o afilhado e com outras figuras próximas demonstra a longevidade emocional que, segundo Bosi (1994), constitui uma das marcas mais significativas da velhice produtiva: a permanência de vínculos e a capacidade de doar sentido às relações.

Assim, a personagem transcende o estereótipo da velhice como tempo de perda, configurando-se como um ponto de equilíbrio afetivo na narrativa. Desse modo, a figura materna exercida por Dona Carmo é essencial para compreender sua construção literária. Embora não tenha filhos biológicos, sua maternidade simbólica é apresentada como plena e legítima, superando barreiras de sangue e sublinhando o valor da afetividade sobre a biologia.

No contexto da obra, essa maternidade eleita funciona como uma forma de resistência ao apagamento social geralmente imposto às mulheres idosas. Através do afilhado e dos jovens que a rodeiam, ela reinscreve seu lugar na comunidade, reafirmando-se como sujeito ativo, amoroso e socialmente relevante. Assim, Machado desmonta estereótipos da época, que frequentemente reduziam a mulher idosa à invisibilidade, à fragilidade ou à irrelevância doméstica. No entanto, em Dona Carmo encontramos, portanto, a imagem de uma velhice que, embora consciente de suas limitações, constrói um espaço próprio de significação e agência.

Convém considerar que a relação entre Dona Carmo e o Conselheiro Aires é fundamental para a leitura interpretativa da personagem. Sendo assim, Aires é um observador sensível marcado pela introspecção, logo, percebe que em Dona Carmo há uma força silenciosa. Enquanto ele carrega a solidão do luto e o esvaziamento dos

laços afetivos, ela representa, mesmo na velhice, a potência do vínculo humano, do gesto acolhedor e da permanência dos sentimentos.

Diante disso, Aires reconhece na personagem uma vitalidade emocional que resiste ao tempo. As anotações do diário revelam que, para ele, Dona Carmo simboliza uma forma de existir que combina dignidade, suavidade e uma profunda capacidade de amar. Conforme aponta Schwarz (2000), Machado constrói suas personagens a partir de contrastes entre interioridade e aparência social, e Dona Carmo não foge a essa lógica: sua simplicidade exterior esconde uma força discreta, mas decisiva, no modo como organiza afetivamente aqueles que a cercam.

Perante a isso, a observação constante que Aires faz da personagem revela, portanto, o reconhecimento de que sua presença afetuosa constitui força ética e emocional no romance. Ademais, a velhice não é tratada como decadência, mas como uma etapa que pode expressar generosidade e plenitude.

À vista disso, a delicadeza de Dona Carmo também se expressa na forma como lida com a dor e com as limitações da idade. Embora sofra dores no joelho — elemento mencionado por Aires —, ela não se deixa abater, nem utiliza suas fragilidades como moeda de autopiedade. Desse modo, a personagem aceita o ciclo natural da vida com resignação e dignidade, reconhecendo a passagem do tempo sem amargura. Assim, essa recusa em dramatizar a própria velhice funciona como contraponto à perspectiva mais melancólica de Aires, que frequentemente associa envelhecimento a isolamento e silêncio.

Diante desse contexto, Machado constrói, através dela, um segundo olhar sobre o envelhecimento: aquele que enxerga a velhice não como fim trágico, mas como etapa possível de equilíbrio, aceitação e continuidade afetiva. Entretanto, essa oposição estruturante funciona como contraste simbólico entre dois modos de envelhecer, no qual Aires, solitário e reflexivo, vive a velhice como retraimento e Dona Carmo, integrada à vida familiar e comunitária, vive a velhice como continuidade afetiva.

Além disso, a inserção social de Dona Carmo demonstra que a velhice não implica necessariamente ruptura com o mundo, uma vez que convive com familiares, participa das conversas, acompanha os acontecimentos e mantém proximidade emocional com aqueles que considera “seus”. Desta forma, sua velhice é vivida na relação com o outro, e não na reclusão. Portanto, Machado, ao construir essa representação, parece indicar que o envelhecimento adquire significação não apenas

nos limites do corpo, mas também na qualidade dos vínculos que se sustentam e reinventam ao longo da vida.

Do ponto de vista simbólico, Dona Carmo encarna valores tradicionais como família, afeto, cuidado, sem jamais se tornar caricatura desses elementos. A personagem não é idealizada, sendo, portanto, humana, sensível e consciente do peso do tempo. Mas, sua humanidade está justamente na maneira com que enfrenta esse peso, sem perder a ternura e a disposição em doar-se. Para Machado, essa postura representa uma forma sofisticada de resistência à decadência e ao esvaziamento do sentido. Assim, Dona Carmo personifica uma velhice digna, marcadamente feminina, sustentada pela ética do cuidado e pela persistência da bondade.

Por fim, a importância de Dona Carmo para a estrutura do Memorial de Aires não se limita à caracterização da velhice; ela representa uma alternativa possível ao modelo introspectivo e solitário encarnado por Aires. Seu modo de envelhecer parece sugerir que a velhice não é, necessariamente, experiência de retraimento, mas pode ser também tempo de afeto, continuidade e sentido. Com ela, Machado amplia o debate sobre a senilidade, oferecendo ao leitor uma perspectiva menos sombria e mais relacional. Em uma sociedade que frequentemente invisibiliza a mulher idosa, a construção de Dona Carmo reafirma a relevância de uma velhice ativa, sensível e plenamente humana.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na gênese desse estudo, fora validado sobre a análise da representação da senilidade em **Memorial de Aires** que evidencia a sofisticação estética e a profundidade psicológica com que Machado de Assis constrói seus personagens na fase derradeira de sua produção literária. Assim, o romance, publicado em 1908, último ano de vida do autor, manifesta uma perspectiva madura e reflexiva sobre o envelhecimento, deslocando-o do campo da decadência para o campo da observação crítica e da interioridade.

Diante desse cenário, convém acentuar que em vez de apresentar a velhice como sinônimo de deterioração física ou incapacidade, Machado constrói uma narrativa na qual a idade avançada torna-se um espaço privilegiado para o pensamento, para a memória e para a sensibilidade diante das relações humanas, como já observam críticos como Schwarz (2000) e Candido (1995). Logo, sua escrita estabelece novas bases para o romance brasileiro, consolidando-se como um marco inovador e duradouro.

Ademais, ressalta-se que o Conselheiro Aires, narrador e protagonista, assume uma postura marcada pela serenidade, pelo distanciamento emocional e pela reflexão filosófica. Assim, sua senilidade não se configura como um estágio de isolamento intelectual, mas como uma forma particular de perceber o mundo. Para tanto, o diário, elemento central da narrativa, funciona como instrumento de registro subjetivo e, ao mesmo tempo, como forma de reorganizar a experiência.

Desse modo, ao reconhecer lapsos de memória, pequenas fragilidades físicas e oscilações emocionais, Aires expõe um envelhecimento realista, porém não trágico. Essa representação, como pontua Gledson (2003), integra o projeto machadiano de desmontar idealizações românticas e explorar com sutileza os movimentos contraditórios da condição humana.

Nesse contexto, a senilidade também se expressa por meio da observação aguçada das relações sociais, uma vez que Aires olha o mundo ao seu redor como alguém que, por ter vivido muito, já não necessita participar ativamente de todos os acontecimentos. Logo, sua posição é, simultaneamente, de proximidade e distanciamento, na qual tal ambivalência permite ao leitor perceber nuances de afetos, tensões e comportamentos cotidianos, revelando que o envelhecimento, longe de ser perda absoluta, constitui uma forma singular de habitar o tempo.

Conforme argumenta Bosi (1994), a velhice é também um espaço de memória, contemplação e elaboração simbólica, aspectos amplamente presentes na construção machadiana. Além disso, a obra fornece um contraponto importante por meio de personagens como Dona Carmo, cuja velhice é representada sob o signo da doçura, da generosidade e da permanência afetiva. Mesmo diante das limitações físicas e da perda de vitalidade, Dona Carmo conserva uma profunda energia emocional, expressa no cuidado com o marido e com os “filhos postiços”.

Isto posto, destaca-se que esse modo de envelhecer evidencia a pluralidade da velhice dentro da narrativa, rejeitando concepções homogêneas ou simplistas. Dessa maneira, a personagem exemplifica a estrutura emocional da obra, em que a velhice é elaborada como interação entre corpo, memória, afeto e sociabilidade. Com isso, a presença da solidão, especialmente perceptível em Aires, não é tratada como castigo, mas como elemento constitutivo da maturidade.

Entretanto, a melancolia que o acompanha nunca assume contornos de desespero; é antes uma melancolia ponderada, fruto da consciência do tempo vivido. Como observa Assis (1994), Aires sente a passagem dos anos, mas não se submete a ela com amargura, e sim com lucidez. Nesse sentido, a obra desvela um modelo de senilidade que se opõe a representações depreciativas ainda presentes na sociedade contemporânea, que tende a marginalizar o idoso e negar sua experiência.

Dessa forma, Memorial de Aires revela que o envelhecimento é experiência polissêmica, construída por múltiplos elementos: memória, afetividade, fragilidade, autonomia e reflexão. Assim, a narrativa confere dignidade à velhice ao retratá-la como processo dinâmico, não como etapa estática ou meramente biológica. Com isso, Machado de Assis formula uma visão estética e ética do envelhecer, que ultrapassa o mero retrato social e se inscreve na tradição literária como um mergulho profundo na subjetividade humana.

Por conseguinte, a sutileza do olhar machadiano demonstra que a senilidade pode ser espaço de lucidez, sensibilidade e interpretação crítica do mundo, contribuindo para o debate contemporâneo sobre os direitos, a representação e a valorização das pessoas idosas. Desse modo, conclui-se que Memorial de Aires constitui uma obra fundamental para a compreensão da velhice na literatura brasileira. Logo, sua representação da senilidade desafia estereótipos, ressignifica a experiência do tempo e questiona estruturas sociais que invisibilizam o idoso.

Em suma, convém salientar que a obra **Memorial de Aires** torna-se mais do

que um romance de despedida, ao representar a culminância da maturidade literária de Machado de Assis, reafirmando sua capacidade ímpar de explorar, com ironia e profundidade, os labirintos da alma humana. Nesse sentido, a obra permanece atual e necessária, sobretudo em sociedades que ainda insistem em associar a velhice à improdutividade ou decadência. Portanto, Machado, ao contrário, revela que envelhecer é também compreender, ressignificar e continuar, mesmo que em passos mais lentos na caminhada existencial.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Memorial de Aires**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- AZEVEDO, Aluísio de. **O Mulato**. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d. (Coleção Prestígio). Disponível em: <http://www.bibvirt.futuro.usp.br>. Acesso em: 29 out. 2025.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CULTUTURA. O caminho do saber. **A Morenhinha** – José Manuel de Macedo. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/A%20moreninha.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2025.
- CULTUTURA. O caminho do saber. **O Mulato** – Aluísio de Azevedo. Disponível em: <http://www.culturatura.com.br/obras/o%20mulato.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2025.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização**. São Paulo: Edusp, 1999.
- ELIAS, Norbert. **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FRAZÃO, Dilva. **Machado de Assis: Escritor brasileiro; Toda Matéria**. Disponível em: https://www.ebiografia.com/machado_assis/. Acesso em 21 de outubro de 2025.
- GLEDDSON, John. **Por um novo Machado de Assis: ensaios críticos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- LUKÁCS, Georg. **A Teoria do Romance**. Lisboa: Presença, 1965.
- Manual para normalização de trabalhos acadêmicos** / Universidade Estadual do Maranhão. Sistema Integrado de Bibliotecas da UEMA.– 5. ed. rev., atual. e ampl.–

São Luís: EDUEMA, 2024.

REIS, Carlos. **O essencial sobre Machado de Assis**. São Paulo: Caminho das Letras, 2011.

SIQUEIRA, Renata Lopes de; BOTELHO, Maria Izabel Vieira; COELHO, France Maria Gontijo. **A velhice**: algumas considerações teóricas e conceituais. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 7, n. 4, p. 899-906, 2002. DOI: 10.1590/S1413-81232002000400021. Disponível em: <https://www.scielo.br>. Acesso em: 29 out. 2025.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SOUZA, Warley. **"Machado de Assis"**; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/machado-de-assis.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2025.